

DENNIS LEHANE

Naquele dia

Tradução
Luciano Vieira Machado



Copyright © 2008 by Dennis Lehane

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1998,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The given day: a novel

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio
Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Foto de capa

© Bettmann/ Corbis/ LatinStock

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Ana Luiza Couto

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lehane, Dennis

Naquele dia / Dennis Lehane ; tradução Luciano Vieira Machado. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: The given day : a novel.

ISBN 978-85-359-1536-5

1. Ficção norte-americana 1. Título

09-08276

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

BABE RUTH EM OHIO

Prólogo

Devido às restrições impostas à Grande Liga de Beisebol pelo Ministério da Defesa durante a Primeira Guerra Mundial, as finais do campeonato de 1918 foram realizadas em setembro e divididas entre dois estádios. O Chicago Cubs sediou os três primeiros jogos; os quatro últimos foram disputados em Boston. No dia 7 de setembro, depois que o Cubs perdeu o terceiro jogo, os dois times embarcaram juntos na Estação Central de Michigan para uma viagem de vinte e sete horas. Babe Ruth se embêbedou e começou a roubar chapéus.

Para início de conversa, tiveram de metê-lo à força no trem. Depois do jogo, ele foi a uma casa alguns quarteirões a leste do Wabash, onde sempre se podia contar com um carteado, uma boa provisão de bebidas alcoólicas, uma ou duas mulheres — e se Stuffy McInnis não soubesse onde procurá-lo, Babe teria perdido a viagem de volta para casa.

Ele vomitou na parte de trás do vagão de alojamento, enquanto o trem partia resfolegando da Estação Central, pouco depois das oito da noite, serpenteando por entre os currais. O ar estava carregado de fumaça e cheiro de bois abatidos, e Ruth não conseguia divisar uma mísera estrela no céu escuro. Ele tomou uma golada do cantil, enxaguou o vômito da boca com uísque, cuspiu-o por cima do parapeito de ferro e contemplou o cintilar da linha do

horizonte de Chicago, que surgia diante dele enquanto o trem se afastava. Como sempre acontecia ao partir de algum lugar com o corpo moído pela ressaca, sentiu-se gordo e dominado por um sentimento de orfandade.

Babe tomou mais um pouco de uísque. Aos vinte e três anos, ele finalmente estava se tornando um dos mais temidos batedores da Liga. Numa temporada em que o número de *home runs** na Liga Americana chegara a noventa e seis, Ruth fora responsável por onze. Diabo, aquilo era quase doze por cento. Mesmo levando em conta as três semanas de maré baixa que ele tivera em junho, os lançadores já tinham começado a tratá-lo com respeito. Os batedores das equipes adversárias também, porque naquela temporada Ruth levara o Sox a trinta vitórias. Ele jogara cinquenta e nove no campo esquerdo e treze na primeira base.

Mas tinha dificuldade com as bolas dos canhotos. Aí é que estava seu problema. Numa hora em que as listas dos jogadores se reduziam cada vez mais porque muitos deles tinham ido para a guerra, Ruth tinha um ponto fraco que os técnicos das equipes adversárias começaram a explorar.

Que se fodam.

Ele disse isso ao vento e tomou outra golada do cantil, presente de Harry Frazee, o dono do Sox. Ruth saía do time em julho. Ele fora jogar no Chester Shipyards da Pensilvânia porque o treinador Barrow valorizava mais seu talento de lançador que sua habilidade com o taco, e Ruth estava cansado de ser lançador. Você eliminava um rebatedor e recebia aplausos. Conseguia um *home run* e o estádio ia ao delírio. O problema é que o Chester Shipyards também o preferia na posição de lançador. Quando Frazee ameaçou processá-los, Chester Shipyards mandou Ruth de volta.

Frazee foi ao encontro de Ruth no trem e conduziu-o ao banco traseiro de seu cupê Rauch & Lang Electric Opera. O carro era marrom, com estofado preto, e Ruth sempre se admirava de poder ver sua imagem refletida no aço a qualquer hora do dia e independentemente do tempo que fizesse. Ele perguntou a Frazee quanto custaria um carro daquele. Acariciando preguiçosamente o estofado escuro, enquanto seu motorista entrava na Atlantic Avenue, Frazee passou o cantil a Babe e respondeu: “Mais que você, Ruth”.

Na inscrição gravada no estanho do cantil, lia-se:

* No beisebol, golpe que permite ao batedor completar o circuito das bases. (N. T.)

Ruth, G. H.
CHESTER, Penna.*
1/7/18 — 7/7/18

Agora, no trem, ele passa o dedo na inscrição e toma mais um gole, sentindo o odor carregado de sangue de boi misturado ao cheiro metálico de cidades industriais e de trilhos quentes. *Eu sou Babe Ruth* — ele teve vontade de gritar para fora do trem. E quando não estou bêbado e sozinho curtindo um fim de ressaca, tenho meu valor. Um dente na engrenagem, sim, claro que sei disso, mas um dente com uma incrustação de diamante. O dente dos dentes. Mais dia, menos dia...

Ruth levantou o cantil, fez um brinde a Harry Frazee e a todos os Harrys Frazees do mundo, com uma enfiada de epítetos obscenos e um sorriso radio-so. Então tomou um trago que lhe subiu às pálpebras e as puxou para baixo.

“Eu vou dormir, sua puta velha”, sussurrou Ruth para a noite, para o horizonte, para o cheiro de gado abatido, para os campos sombrios do Meio-Oeste que se estendiam à sua frente. Para cada uma das cidadezinhas sem cor que havia entre aquele ponto e a Governor’s Square. Para o céu enfumaçado e sem estrelas.

Entrou cambaleando na cabine que dividia com Jones, Scott e McInnis, e quando acordou às seis da manhã, ainda completamente vestido, estava em Ohio. No desjejum no vagão restaurante, tomou dois bules de café e ficou observando a fumaça que saía das chaminés das fundições e das usinas de aço espalhadas pelas colinas negras. Como lhe doía a cabeça, acrescentou algumas gotas de uísque ao café, e a dor passou. Jogou canastra por algum tempo com Everett Scott, e então o trem fez uma longa parada em Summerford, outra cidadezinha industrial. Eles esticaram as pernas num campo adiante da estação, e foi então que, pela primeira vez, ele ouviu falar de uma greve.

Eram Harry Hooper, capitão do Sox e jardineiro direito, e o segunda base Dave Shean falando com o jardineiro esquerdo Leslie Mann e com o apanhador Bill Killefer, do Cubs. ** McInnis disse que os quatro tinham ficado confabulando durante toda a viagem.

* Pensilvânia. (N. T.)

** Jardineiro direito, jardineiro esquerdo, segunda base e apanhador são posições dos jogadores no jogo de beisebol. (N. T.)

“Falando de quê?”, perguntou Ruth sem muita certeza de que aquilo lhe importava.

“Não sei”, disse Stuffy. “Amolecer o jogo para ganhar uma grana? Perder de propósito?”

Hooper foi ao encontro deles.

“Vamos entrar em greve, rapazes.”

Stuffy McInnis disse: “Você está bêbado”.

Hooper negou com a cabeça. “Eles estão fodendo com a gente, rapazes.”

“Quem?”

“A Comissão. Quem mais poderia ser? Heydler, Hermann, Johnson. Eles.”

Stuffy McInnis espalhou fumo num papelzinho, lambeu-o delicadamente e torceu as pontas. “Como assim?”

Ele acendeu o cigarro. Ruth tomou um gole do cantil e lançou um olhar para além do campo, onde havia um pequeno grupo de árvores sob o céu azul.

“Eles mudaram a tabela do Campeonato e a porcentagem dos nossos ganhos. Fizeram isso no inverno passado e até agora não nos disseram nada.”

“Espere”, disse McInnis. “Nós recebemos sessenta por cento das quatro primeiras bilheterias.”

Harry Hooper negou com a cabeça e Ruth sentiu que sua atenção começava a diminuir. Ele notou as linhas do telégrafo que se estendiam de um extremo ao outro do campo, perguntando a si mesmo se conseguiria ouvir o zumbido delas caso se aproximasse o bastante. Arrecadação, distribuição. Ruth queria mais um prato de ovos, um pouco mais de bacon.

Harry disse: “Nós *ganhávamos* sessenta por cento. Agora ganhamos cinquenta e cinco. O comparecimento aos estádios diminuiu. Por causa da guerra, sabe como é. E é nosso dever patriótico receber cinco por cento a menos.”

McInnis sacudiu os ombros. “Então cabe a nós...”

“Então perdemos quarenta por cento disso para Cleveland, Washington e Chicago.”

“Por quê?”, indagou Stuffy. “Por ter lhes dado uma surra nas eliminatórias?”

“Então... então mais dez por cento a título de contribuição para a guerra. Está entendendo agora?”

Stuffy fechou a cara. Ele estava a fim de chutar alguém, alguém pequeno e em quem ele pudesse afundar o pé.

Babe jogou o chapéu para cima e apanhou-o atrás das costas, catou uma pedra e atirou-a para o céu. E tornou a lançar o chapéu para o alto.

“Tudo vai se resolver”, disse ele.

Hooper olhou para ele. “O quê?”

“Seja lá o que for”, assegurou Babe. “Vamos recuperar tudo.”

Stuffy perguntou: “Como, Gidge? Você pode me dizer? Como?”.

“De um jeito ou de outro”, respondeu Babe, sentindo a cabeça voltar a doer. Falar de dinheiro lhe dava dor de cabeça. O mundo fazia sua cabeça latejar — os bolcheviques derrubando o czar, o Kaiser devastando a Europa, anarquistas jogando bombas nas ruas deste país, explodindo desfiles militares e caixas de correio. Havia gente com raiva, havia gente gritando, gente morrendo nas trincheiras e fazendo manifestações em frente às fábricas. E tudo isso tinha a ver com dinheiro. Babe sabia muito bem, mas detestava pensar sobre essas coisas. Gostava de dinheiro, gostava bastante, e sabia que estava ganhando um bocado e pretendia ganhar muito mais. Gostava de sua nova lambreta, gostava de comprar bons charutos e de ficar em espaçosos quartos de hotel com pesadas cortinas e de pagar rodadas de bebidas no bar. Mas odiava pensar sobre dinheiro e falar de dinheiro. Babe só queria mesmo chegar a Boston. Ele queria dar duro e depois cair na gandaia. A Governor’s Square era cheia de bordéis e de bons bares. O inverno se aproximava; ele queria aproveitar enquanto podia, antes que a neve e o frio chegassem. Antes que ele se visse enfiado novamente em Sudbury com Helen e o cheiro de cavalos.

Ele bateu no ombro de Harry e repetiu sua opinião. “De um jeito ou de outro, as coisas vão se ajeitar. Você vai ver.”

Harry Hooper olhou para o ombro, para o campo à sua frente, e depois novamente para Ruth, que sorriu.

“Seja um Babe* bonzinho”, disse Harry Hooper, “e deixe a conversa para os adultos.”

Harry Hooper voltou-lhe as costas. Ele estava com um chapéu de palha duro, ligeiramente puxado para trás, deixando a testa à mostra. Ruth detestava

* Babe, o apelido de Ruth, significa “bebê”. (N. T.)

chapéus de palha; seu rosto era redondo e rechonchudo demais para eles. Eles o faziam parecer uma criança tentando ser elegante. Ele se imaginou tirando o chapéu de Harry e atirando-o no teto do trem.

Harry foi em direção ao campo, queixo abaixado, puxando Stuffy McInnis pelo braço.

Babe apanhou uma pedra e fitou as costas do casaco listrado de Harry Hooper, imaginou uma luva de apanhador ali, pensou no som que a pedra afiada faria contra uma espinha. Ele ouviu um som agudo tomado o lugar do outro em sua cabeça, um estalido surdo e distante, semelhante ao de uma acha de lenha estalando na lareira. Lançou um olhar ao leste, onde o campo acabava no pequeno grupo de árvores. Babe ouvia o trem silvando suavemente atrás dele, as vozes esparsas dos jogadores e o farfalhar do campo. Dois engenheiros passaram por trás dele falando sobre um trilho quebrado, dizendo que levariam duas horas, talvez três, para consertar. Ruth pensou *Duas horas neste buraco?*, tornou a ouvir um estalido ao longe e teve certeza de que por trás das árvores estavam jogando beisebol.

Ele cruzou o campo sozinho, sem ser notado, sentindo que os sons iam ficando mais próximos — as vaias ritmadas, o roçar de pés no gramado, o ruído de uma bola despachada para ir morrer na luva de alguém. Ele foi avançando por entre as árvores, tirou o casaco por causa do calor, e quando emergiu do bosque as equipes estavam mudando de lado, os homens correndo em direção a uma faixa de terra ao longo da linha da primeira base, enquanto o outro grupo afastava-se rapidamente de uma faixa junto à terceira.

Homens de cor.

Ele ficou onde estava e fez um aceno de cabeça para o jardineiro central, que corria para tomar posição a alguns metros dele. O homem respondeu ao aceno de Babe, dando a impressão de examinar as árvores para ver se elas pretendiam produzir mais gente branca naquele dia. Então voltou as costas para Babe, dobrou o corpo para a frente e apoiou a mão enluvada nos joelhos. Ele era parrudo, ombros tão largos quanto os de Babe, mas com menos volume na área da cintura e também (Babe tinha de reconhecer) na bunda.

O lançador não perdeu tempo. Ele mal fez um movimento circular para lançar a bola, com aqueles tremendos braços compridos; girou o braço direito como se estivesse atirando uma pedra com um estilingue para atravessar o oceano. Mesmo de onde estava, Babe teve certeza de que a bola cruzou a

base do batedor pegando fogo. Por mais que este se esforçasse, deixou-a passar a uma distância de uns quinze centímetros.

Mas ele acertou a seguinte em cheio, com um ruído tão alto que só poderia ter vindo de um taco quebrado. A bola passou por Babe, depois se ergueu devagar em direção ao céu azul, como um pato que tivesse resolvido nadar de costas, e o jardineiro central deslocou um pé, abriu a luva e a bola caiu, como se aliviada, bem no meio do couro.

Ruth nunca fizera um teste de visão. Ele não permitia. Sabia que sua vista era muito mais apurada que a da maioria das pessoas. Ainda criança, era capaz de ler os letreiros das ruas, mesmo os pintados nos cantos dos edifícios, a distâncias muito maiores que qualquer outra pessoa. Ele conseguia ver a textura das penas de um falcão cem metros acima dele, caçando, deslocando-se rápido como um raio. As bolas lhe pareciam gordas e vagarosas. Quando fazia um lançamento, a luva do pegador parecia um travesseiro de hotel.

Assim, mesmo àquela distância ele percebeu que o rosto do batedor estava em péssimas condições. Um cara baixinho, magro feito um cabo de vassoura, mas com alguma coisa no rosto, vergões vermelhos ou cicatrizes na pele parda. Ele era pura energia, ali em seu posto, aos saltos, movimentando pés e quadris, um cão fila de pé na base do batedor, tentando se conter para não irromper de dentro da própria pele. E quando ele acertou a bola depois de ter perdido dois pontos, Ruth teve certeza de que aquele negro ia voar, mas não esperava que fosse tão rápido.

A bola nem acabara de descrever um arco em direção aos pés do jardineiro direito (àquela altura Ruth sabia que ele não conseguiria pegar a bola antes de ela cair no chão) e o lebréu já estava dando a volta na primeira base. Quando a bola bateu no gramado, o jardineiro direito pegou-a com a mão sem luva e não fez mais que avançar alguns passos, agachado, depois parou e largou-a — a bola escapou de sua mão como se ele a tivesse surpreendido na cama com sua filha, e num piscar de olhos ela atingiu a luva do segunda base. Mas o lebréu já estava na segunda, ativo. Sem escorregões, sem se abaixar. Ficava dançando ali como se estivesse apanhando o jornal da manhã, olhando para trás em direção ao jardineiro central, e aí Ruth percebeu que o rapaz estava olhando para ele. Babe levou a mão ao chapéu, e o rapaz lhe deu um breve sorriso soturno e arrogante.

Ruth resolveu manter os olhos no rapaz, sabendo que, fizesse o que fizesse, daria a impressão de ser algo especial.